



**casadesarmento**

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4810-241 Guimarães  
E-mail: [casa.sarmento@csarmento.uminho.pt](mailto:casa.sarmento@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)

# O problema da destruição da povoação romana de Tróia de Setúbal

Por CARLOS TAVARES DA SILVA

e

MATEUS GONÇALVES CABRITA.

---

## I

### A ocupação romana de Tróia

O agregado populacional que existiu em Tróia de Setúbal durante a ocupação romana entregou-se principalmente à pesca e ao fabrico e exportação de conservas de peixe. Surgem assim, nesta estação, grande número de *cetariae* reunidas em grupos (fábricas).

Os edificios destinados a habitação, armazenamento, etc., eram constituídos por rés-do-chão e por vezes rés-do-chão e primeiro andar, formando quarteirões separados por ruelas. Algumas casas distinguiam-se pela forma luxuosa como tinham sido edificadas. Deste modo algumas possuíam pavimentos com mosaicos de *opus vermiculatum* e tinham as paredes interiores estucadas e ornamentadas com pinturas a fresco de grande beleza (11).

A par destes edificios há a considerar a existência de um balneário que foi objecto de um estudo de Maximiano Apolinário (4).

São também dignas de realce as ruínas de um *columbarium*, assim como a descoberta de um baixo relevo mitraico (11).

Na necrópole que tem sido explorada pelo prof. Manuel Heleno «foi possível distinguir quatro épocas dife-

rentes sobrepostas: uma do século II, com sepulturas de incineração; outra ainda dos meados do século III, já com rito de inumação; e, finalmente, a mais superficial da época medieval». (7)

A península de Tróia de Setúbal começou a ser habitada pela população luso-romana a partir do século I, pois são desta época os achados romanos mais antigos aí efectuados. A ocupação ter-se-ia prolongado até aos séculos V-VI como o documentam duas lucernas de tipo cristão aí encontradas e por um de nós descritas (16), outra cerâmica paleo-cristã e visigótica (3), *sigillata* tardia (informação de Russel Cortês a Fernando Castelo-Branco) (7), uma coluna torsa provavelmente visigótica (2) e ainda o material fornecido pelo último nível da necrópole explorada por Manuel Heleno.

## II

### A destruição (\*)

#### 1. *Notícias Históricas*

Várias têm sido as hipóteses estruturadas com o objectivo de explicarem a destruição e abandono da povoação romana de Tróia. Conhecemos as da autoria de André de Resende, Carlos Ribeiro e A. I. Marques da Costa.

André de Resende, no século XVI, ao referir-se a Tróia (14) escreveu o seguinte: «Cetobriga — a Cetobrix ptolemaica — foi uma antiga cidade litoral, na entrada do estuário de Salácia. Arrasada pelas areias, se não mesmo pela violenta irrupção marítima, mal se notam vestígios dela: de longe em longe, sob a água, ou quando o vento desfaz montões de areia, lá se vê um resto de construções».

(\*) Fernando Castelo-Branco apresenta causas económicas para explicar a decadência da povoação romana de Tróia e seu consequente abandono.

Em 24 de Março de 1858 Carlos Ribeiro visitou Tróia, deixando um relato de tudo quanto observou (15). Foi levado a concluir: «Outrora, antes dos tempos históricos, era o Sado terminado por uma grande baía; a exposição desta última ao SO, a quantidade de areias que lhe ficavam para Sul sobre a costa determinaram um aterro areoso que bem depressa ligou com a costa na Comporta.

«As areias da costa de Melides impelidas pelo vento de S.E. foram caminhando ao longo da costa (...). O estabelecimento romano buscou aqui assento ao abrigo dos temporais, nas melhores condições para exercer a sua indústria dependente do preparo do peixe. Seria então uma praia baixa sobre a qual vieram avançando as areias ao longo da costa. Um tremor de terra levantou uma grande vaga que entrou no Sado e alagou as partes mais baixas, galgando as edificações, estabeleceu-se no centro da ponta do banco ou restinga, abrindo no retrocesso a depressão a que hoje se chama Lagoa (Caldeira), e levando tudo quanto apanhou (...).»

Por seu lado o arqueólogo A. I. Marques da Costa escreveu: (11) «Parece-me não haver dúvida de que só as águas do mar, inundando toda a antiga cidade, poderiam em épocas sucessivas ir desmanchando as construções, fracturando de encontro uns aos outros os milhares de objectos de que os antigos habitantes tinham feito uso e, enfim, espalhando tudo de mistura com a areia numa camada sedimentar perfeitamente horizontal, a que, logo que o mar submergisse mais o solo primitivo, se seguia a formação de outra camada com os diferentes elementos que as ruínas da cidade iam fornecendo.

«Pondo de parte a hipótese de que o nível dos mares subiu mais de 15 metros para tornar a descer, o que não é admissível, visto que nesse caso devia suceder às outras cidades do litoral o mesmo que sucedeu em Tróia, sou levado a admitir: Primeiramente que o solo de Tróia sofreu uma descensão, que talvez desse origem ao abandono e destruição da cidade que noutros tempos aí floresceu; em segundo lugar, que depois de a antiga cidade estar longo tempo mergulhada no oceano, o solo se elevou outra vez, emergindo de novo a cidade do seio do mar, mas destruída pela acção das águas e coberta com

camadas estratificadas de areia e de envolta com os próprios destroços e os milhares de produtos da actividade dos seus antigos habitantes».

## 2. *Recolha de factos*

Pelos factos seguidamente apresentados chegámos à conclusão de que o agregado populacional luso-romano de Tróia de Setúbal sofreu uma submersão, ficando portanto destruído.

*Ruínas inundadas pelas águas da preia-mar* — Desde a boca da Caldeira até quase ao sítio da Baleia, numa extensão de aproximadamente 2 km, surgem, junto à água, ruínas de edificações romanas. Muitas delas são inundadas pelas águas da preia-mar. Salientamos as seguintes:

- a) Faixa de *cetariae* situadas junto à boca da Caldeira;
- b) Poço romano localizado no mesmo lugar (é completamente coberto);
- c) Grande número de edifícios, alguns de primeiro andar, entre o marco geodésico e a Ponta do Verde;
- d) Edifícios e *cetariae* na Ponta do Verde;
- e) Núcleos isolados de ruínas de *cetariae* e outras construções a partir do Recanto do Verde.

*Ruínas submersas* — Alguns autores têm dado notícia da existência de ruínas submersas:

a) Gaspar Barreiros na sua *Chorographia...* (5) diz, ao referir-se a Tróia: «(...) Onde debaixo d'agoa se mostrã inda agora ruínas de edifícios».

b) No manuscrito *Summa e Descripçam de Lusitania*, que é atribuído por Fernando Castelo-Branco (7) a Gaspar Barreiros, pode-se ler: «(...) Onde agora chamam a Troia em q̄ muitos vestigios de casas e outros edefícios q̄ se mostram debaixo d'agoa, tam claros q̄ os uem os pescadores cada dia, ou os q̄ por ali acertam de passar, porq̄ pello tempo sprajou o mar pera aquella banda e cobrio estas dictas ruínas (...)».

c) André de Resende (14), por seu turno, escreveu: «Cetobriga foi uma cidade litoral (...). Arrasada pelas areias, se não mesmo pela violenta irrupção marítima, mal se notam vestígios dela: de longe em longe, sob a água, ou quando o vento desnuda montões de areia, lá se vê um resto de construções».

d) Oswald Crawford (9) relatando impressões de uma viagem em 1879 ao nosso país, escreve: «Através das águas claras e pouco profundas da baía, vêem-se paredes, tijolos, telhas e bocados de cimento, a umas trinta ou quarenta jardas da praia».

e) A. I. Marques da Costa (11) comunica-nos: «Quando em 1892 se meteram estacas para formar um dique na boca da Lagoa, a fim de a converter num aquário que conservaria por algum tempo o peixe vivo colhido no mar, notou-se que as estacas em muitos pontos topavam com pavimentos de argamassa signina e muros de construções».

f) Por informação de Manuel Heleno, que tem dirigido as escavações de Tróia de Setúbal (\*) sabe-se que ainda hoje se encontram no rio Sado, à profundidade de 5 m, ruínas romanas, e é possível que outras existam a maior profundidade, mas estejam cobertas por areia ou lodo.

Assim, quando de uma prospeção arqueológica subaquática levada a efeito no Sado em 1959, sob a orientação do citado arqueólogo, o jornal *O Setubalense* (12) publicou um artigo do qual extraímos o seguinte passo: «Em certas zonas, até 200 metros da margem de Tróia, verificaram a existência de ruínas de construções romanas, a profundidades que vão até 13 metros, sobretudo à entrada da chamada Caldeira, e a existência de muitos restos de cerâmica de construção, denunciadores da existência de edifícios da mesma época».

*Sedimentos com fácies de estuário cobrindo as ruínas* — As ruínas da estação romana de Tróia acham-se cobertas

(\*) Não se conhecem os resultados de tais escavações pois o prof. Manuel Heleno ainda os não deu à luz da publicidade. No caso de tal já ter acontecido, este nosso trabalho seria muito facilitado. Um estudo profundo sobre a estação arqueológica de Tróia baseado na sua metódica exploração virá contribuir grandemente para o esclarecimento do problema de que nos temos ocupado.

por sedimentos que evidenciam uma fácies de estuário com transição para marinha litoral. Esta formação sedimentar, que atinge a cota de cerca de 10 m, encontra-se por sua vez sob areias de origem eólica.

As formas seguintes, recolhidas a diferentes cotas em afloramentos localizados na zona de escavações e no talude que dá para o rio, entre a Caldeira e a Ponta do Verde, constituem parte da fauna recolhida.

#### MOLUSCOS

*Patella* sp.

*Trochocochlea lineata* (Da Costa)

*Murex trunculus* Linné

*Nassa reticulata* Linné

*Mytilus edulis* Linné

*Pecten maximus* Linné

*Cardium edule* Linné

*Cardium norvegicum* Spengler

*Cardium tuberculatum* Linné

*Venus verrucosa* Linné

*Tapes decussatus* Linné

*Solen marginatus* Pennant

#### CRUSTÁCEOS

Salientamos a presença de *Ballanus* sp.

#### PEIXES

Recolhemos um certo número de partes esqueléticas de diferentes formas de peixes. Assinalamos a presença da família *Sparidae*.

### 3. Conclusões

São as seguintes as causas que aprioristicamente se poderiam apresentar para explicar a destruição da povoação romana de Tróia de Setúbal:

#### a) Inundação provocada por vagas sísmicas.

A região de Setúbal é declaradamente sismogénica. Esta comprovada sismicidade compreende-se pelo facto de Setúbal e os seus arredores assentarem em terrenos modernos de tectónica complexa e de situação costeira próxima de grandes fundos.

Numa região com estas características são frequentes fenómenos sísmicos, como tremores de terra e maremotos.

É portanto natural que em dada altura da vida da povoação romana de Tróia, esta tivesse sido assolada por uma vaga sísmica que à semelhança de uma que se formou no estuário do Sado quando do sismo de 1755, houvesse mostrado consequências desastrosas. No entanto não acreditamos que os estragos fossem de tal ordem de modo a não consentirem mais a habitabilidade de Tróia. Por outro lado a acção de uma vaga sísmica não explica a cobertura das ruínas por sedimentos marinhos.

#### b) Acção erosiva do rio Sado.

O estuário do Sado encontra-se dividido, segundo o seu eixo maior, por dois canais, devido à existência de uma série de baixios arenosos que se estendem de SE para NO, desde a península de Mitrena até quase à parte fronteira a Setúbal, com os nomes de Escama Ferro, Carraca, Cabra e Campanário. Em consequência destas formações sedimentares a corrente fluvial sofre um desvio, sendo obrigada a seguir principalmente pelo canal do sul cuja margem esquerda é a península de Tróia. Pela diminuição do volume do caudal a corrente adquire maior velocidade e consequentemente uma força erosiva mais intensa. Esta acção destruidora faz-se sentir sobre o fundo onde as profundidades vão até 26 m, e sobre a margem de Tróia, fazendo-a recuar progressivamente. Isto pode explicar o deslocamento que tem sofrido parte das ruínas romanas, encontrando-se algumas até 200 m da margem a profundidades que atingem 13 m. Contudo, fica por explicar uma vez mais o facto de a restante parte das ruínas se achar coberta por sedimentos de fácies de estuário.

c) *Submersão motivada por um fenómeno de transgressão marinha.*

A hipótese que mais satisfaz os factos analisados é a que diz respeito a um fenómeno de submersão. Só recorrendo à intervenção de tal processo é possível explicar que as ruínas romanas se encontrem cobertas por uma formação sedimentar com elementos marinhos. As causas dessa transgressão marinha poderiam ter sido de carácter tectónico ou de natureza eustática. No primeiro caso parte do solo de Tróia teria sofrido um movimento de afundimento que submergiu a povoação. Depois de coberta por sedimentos, sofreu o efeito de novo movimento, mas de levantamento.

Oliveira Boléo (6) notou que «a zona de embocadura do Sado se apresenta como uma região que sofreu recentemente e talvez ainda esteja sofrendo um abaixamento».

Não nos parece que a submersão efectuada em relação a Tróia tivesse sido devida à variação absoluta na posição do nível do mar.

Além de Tróia, conhecemos na zona do estuário do Sado dois outros pontos denotando a ocupação romana onde se verificam vestígios de fenómenos de transgressão e regressão. Assim, em 1964 ao estudarmos (17) a estação romana da Comenda, notámos que as suas ruínas se encontram cobertas por uma formação sedimentar marinha.

Por outro lado parte da estação romana descoberta em 1957 na área urbana de Setúbal, apresenta-se em nível inferior ou quase inferior ao das águas do mar, pelo menos quando da maré cheia. (13)

## BIBLIOGRAFIA

- (1) — *Annaes da Sociedade Archeológica Lusitana*, 1850.
- (2) — *História de Portugal*, vol. I, Barcelos, 1928.
- (3) — ALMEIDA, D. Fernando de, *Arte Visigótica em Portugal*, Lisboa, 1962.
- (4) — APOLINÁRIO, Maximiano, «Estudos Sobre Tróia de Setúbal», *O Archeólogo Português*, vol. III, Lisboa, 1897.
- (5) — BARREIROS, Gaspar, *Chorografia de Alguns Lugares*, Coimbra, 1561.
- (6) — BOLÉO, Oliveira, *Ensaio Sobre Morfologia Litoral*, Lisboa, 1943.
- (7) — CASTELO-BRANCO, Fernando, *Aspectos e Problemas Arqueológicos de Tróia de Setúbal*, Lisboa, 1963.
- (8) — COSTA ARTHUR, Maria de Lourdes, «O Paleolítico e o Mesolítico no Distrito de Setúbal», *Revista Zephyrus*, vol. IV, Salamanca, 1953.
- (9) — CRAWFURD, Oswald, *Portugal Old and New*, 1879.
- (10) — FALCÃO MACHADO, «Nótula Sobre a Geomorfologia de Setúbal», *Revista Técnica*, Lisboa, 1948.
- (11) — MARQUES DA COSTA, António Inácio, «Estudos Sobre Algumas Estações da Época Luso-Romana dos Arredores de Setúbal», *O Archeólogo Português*, vols. XXVI, XXVII e XXIX, Lisboa, 1923, 1925 e 1930.
- (12) — MARQUES DA COSTA, José, «As Prospecções Arqueológicas Subaquáticas no Sado», jornal *O Setubalense*, 12 de Outubro de 1959.
- (13) — *Id.*, «Novos Elementos para a Localização de Cetóbriga», Setúbal, 1960.
- (14) — RESENDE, André de, *De Antiquitatibus Lusitaniae*, Eborae, 1593.
- (15) — RIBEIRO, Carlos, *Livro de Viagens. Digressão a Tróia em 1858*, manuscrito existente na Biblioteca Municipal de Setúbal.

- (16) — TAVARES DA SILVA, Carlos, e SANTOS GONÇALVES, Vitor dos, «Lucernas Romanas e Paleo-Cristãs do Museu de Setúbal», *IV Colóquio Portuense de Arqueologia*, Porto, 1965.
- (17) — TAVARES DA SILVA, Carlos, e GONÇALVES CABRITA, Mateus, *Estações Romanas da Região de Setúbal*, Setúbal, 1964.

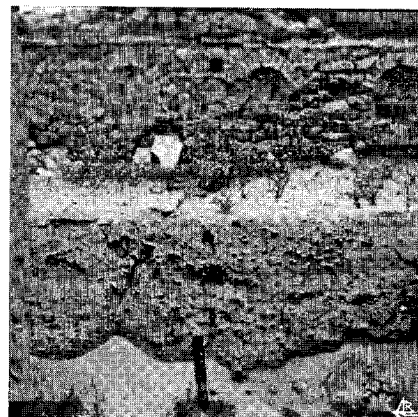


Fig. 1 — Interior do Columbarium, vendo-se em primeiro plano um testemunho da escavação arqueológica formado por sedimentos de fácies de estuário.



Fig. 2 — Fase da escavação arqueológica, observando-se pequenas trincheiras nas quais se notam vestígios de fácies de estuário.

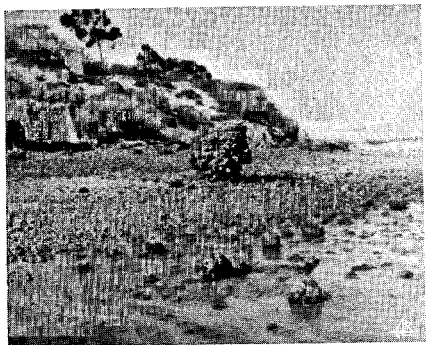


Fig. 3 — *Poço romano e cetaria, quando da baixa-mar.*



Fig. 5 — *Conjunto de cetariæ inundadas pelas águas da preia-mar.*

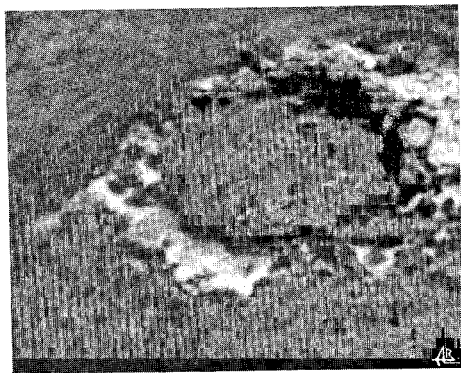


Fig. 4 — *O mesmo poço coberto pelas águas da preia-mar.*

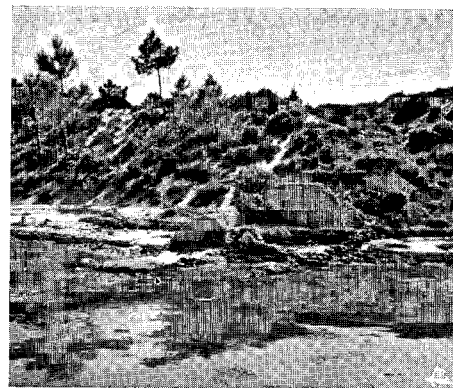


Fig. 6 — *Ruínas da Ponta do Verde.*